Pássaro de cinza e noturno quase canção, quase começo de inverno
(Carmélia Esteves de Castro)

Farias, Farias de Carvalho, Carlos Farias Ouro de Carvalho, 8 de setembro de 1930, filho de Francisco Farias de Carvalho e Edla Zeila ouro de Carvalho. Estudou no Colégio Dom Bosco, foi para Fortaleza, onde estudou no Sagrado Coração de Jesus, tendo concluído o ciclo colegial do cota. Poeta e professor. Amazônida, amazonense, nascido em Manaus.

Como poeta, autor do livro e do poema, título deste número sobre os quais, registramos fatos e acontecimentos partilhados. Como professor de Literatura e Língua Portuguesa do "Velho Casarão", o Colégio Amazonense Pedro II, o nosso Colégio Estadual, nascido sob a denominação de Gymnásio Amazonense, além de colega, vizinho.

Idos de 1957, publicação de livros em Manaus, principalmente de poesias era coisa rara! E aqui abre-se um grande parêntese para falar do movimento revolucionário e pioneiro de "cabeças pensantes" não simpatizantes e muito menos aceitos pelos imortais da gloriosa Academia Amazonense de Letras, pedra-de-toque para que o poeta-professor ou professor-poeta, Farias de Carvalho e outros tantos companheiros de ideais, no percurso entre o Colégio/Pina/Residência (onde hoje funciona o Foto Nascimento, principal da Sete) e o Mulateiro da Praça da Polícia (Praça Heliodoro Balbi), criassem o "Clube da Madrugada", cuja a sede era o próprio mulateiro, árvore frondosa que resiste até hoje, ou o Bar do pina, tendo por "filiais" as residências dos seus criadores ou mesmo dos seus conhecidos, que de preferência, eram famílias ilustres de nossa sociedade. E foi exatamente sob a égide do Clube da Madrugada que o Pássaro de Cinza foi editado, com uma tiragem pequena, mesmo para a população da época.

Farias eufórico, sai do Colégio, vai a Praça, reunir e apresentar para o "mulateiro" e aos companheiros que ainda não tinham visto, o livro editado, depois, atravessa a rua e vai para o Pavilhão do Pina declamando o poema "Baú Velho", já não mais ao som de uma sonata qualquer de Schubert ou Chopin, dedilhada por mim, no velho e quase sempre desafinado piano do Colégio Estadual. Neste momento, o fundo musical era o de copos batendo em júbilo pelo feito heróico do primeiro livro publicado.

Graças, Fran e Bida (seus filhos) Alfredo, Arminda e Graça (os meus) e mais, o Sebastiãozinho (Norões, morador do andar de cima), o Evandro, primogênito dos Langbeck e o Paulinho, Mourão, gêmeo da Dora, irmão de Assis, Malu e Mazé, Jornalistas natos, dela para cá, narravam com riqueza de detalhes a grande confraternização.

Alta madrugada, as crianças dele, minhas e da vizinhança dormindo. Farias volta para casa, com alguns amigos trazendo praticamente todos os exemplares. Dadi, sua musa e mulher, mãe de seus filhos, irritada, "espinafra" Farias e os parceiros, que mesmo "eufóricos", entenderam que a briga era séria e rapidamente bateram em retirada. As "broncas" continuaram. As crianças dele, as minhas e a do andar de cima acordavam. E eu, mesmo tentando seguir os preceitos da boa educação e vizinhança, assumi a figura da matriarca e gritei, na tentativa de chama-los à razão, mas a confusão continuava, pois

Dadi mantinha-se surda às explicações e apelos de Farias. Dia claro e, no auge da briga, inconformado, Farias explodiu e num rasgo de loucura, ateou fogo nos volumes recém-editados. As crianças já totalmente despertas e ingovernáveis, chamaram os colegas que, de vassouras e pedaços de pau, invadiram a casa de Farias, alheios ao drama doméstico, disputavam com as chamas a tiragem do *Pássaro de Cinza* que queimava.

Ignorando o perigo, orgulhosos com a participação daquele momento histórico, conseguiram salvar alguns exemplares e até hoje mantendo um deles, chamuscado pelo fogo, dedicado por sua primogenitora Graça Pimenta (Maria das Graças Pimenta de Carvalho), a mesma sobrinha querida que fazendo jus ao sobrenome Pimenta, preparou os meus cartazes para a aula do concurso que permitiu ingresso no Colégio Estadual, haja vista que eu me encontrava ocupada preparando a festa de 15 anos da minha caçula, também Graça, que teve sua recepção anfitrionada pelos meus dois filhos mais velhos e sua inseparável "troupe", com auxílio dos pais, já que festa e concurso ocorreram no mesmo dia.

O tempo passou, mas não muito e novamente no percurso entre o Colégio/Praça/Pina/Residência, Farias é levado para prestar declarações. Vivíamos 1964, a Revolução Militar, e ele pede humildemente que o deixem se despedir de sua tia, ali do lado. Do portão aos gritos diz que o estão levando para a Ilha Grande e que eu vele por seus filhos e sua família. Até hoje não esqueço da cena e a cara dos acompanhantes assustados quando viram que a "tia" era um pouco mais velha que o sobrinho, como também a lembrança de choro de dadi e Dona Cristina, sogra do Farias e das suas crianças. Entretanto alguns dias depois Farias voltou para casa são e salvo.

O tempo passou, novamente Farias fica um pouco no Pina e chega em casa tarde da noite, "eufórico". Desta vez sem fogueira porque não havia nenhuma edição de livros seu, mas, roupas jogadas em sacolas, mala, "trouxa", tudo no meio da rua. A briga estava armada. Dadi, irredutível disposta a expulsar o marido de casa e outra vez os filhos dele, os meus e os dos vizinhos, armam a estratégia para a reconciliação do casal. Negociam comigo e trazem Farias para a minha casa. Graça, a filha dele vai em busca da mãe, com mensagem de "tia" Carmeli. Relutante, Dadi chega, sabendo que levaria uma "bronca" maior do que aquela dada pelos postigos, em plena madrugada. Farias escondido na primeira sala, a de visitas.

Dadi e a filha Graça, entram pela sala de jantar. A meninada, ocupava a sala do meio, a alcova, escondidos atrás do guarda-casacos do meu pai ou dos guarda-roupas de minha mãe, embaixo da cama, e atrás das portas de passagem da sala de jantar para a alcova, já que Dadi, inevitavelmente teria que passar por ali. As portas da alcova para a sala de visitas, trancadas, abrigavam o poeta.

Dadi chega cheia de razão, afirmando que desta vez não tinha volta. Ralho com ela de cara feia e digo que vá para a sala de visitas me esperar. Graças a leva. Abre a porta, empurra-a para dentro e a tranca a chave. Se junta aos demais e passa a irradias aos sussurros o desenrolar do "drama", entreolhado pelas persianas das portas, estrategicamente colocadas em sentido contrário a qualquer possibilidade de visualização e muito mais entreouvido. Filha de quem é, criativa ao extremo reproduzia a cena: ajoelhada, declamava chorosa trechos do que captava do "noturno, quase canção de inverno", alternando, sentada, impassível e aparentemente ausente, a representação da mãe.

A tentativa de manutenção da autoridade, sobre aqueles adolescentes todos, foi de "águas abaixo", principalmente porque, havia escutado do próprio poeta a explicação para o motivo da "carraspana" por onde aquele que considerava a sua obra-prima e ver e ouvir sua filha representando gaiatamente, para deleite da garotada foi demais. Às gargalhadas fui cuidar da minha vida, pois esta batalha já estava ganha, apesar da minha desmoralização de matriarca, muito embora tenha servido para fortalecer a "parceria" gostosa, que sempre existiu entre mim e os pequenos.

A velha sala de visitas a partir daí, passou a ser conhecida como a "Sala Verde da Paz".

Os anos passaram, Farias se mudou, o seu segundo livro foi publicado com o título *Cartilha do Bem Sofrer, com Lições do Bem Amar*, trazendo como carro chefe o poema "noturno, quase canção, quase começo de inverno". Foi Parlamentar, Conselheiro Familiar, assina uma coluna em jornal local, onde, em uma delas, uma crônica dedicada a sua "velha tia", me enaltecendo como educadora e principalmente como mãe, até hoje guardada com muito carinho. Sai de Manaus para Brasília (DF), depois Niterói (RJ) e agora escreve poesias entre as nuvens do céu.

Amigo! Cadê nossas crianças? Farias "... vou fechar meu baú velho..." Não porque me faltem peças, os objetos. Estas eu substituo, mas faltas tu poeta-sobrinho e nossas crianças, peças, corpo presente, atores principais destas cenas convividas.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura